

**Pixote e seus companheiros:  
crianças em situação de rua no Brasil nos anos de 1970**

HUMBERTO DA SILVA MIRANDA\*

O dia ainda estava amanhecendo quando Pixote acordou. A temperatura da noite estava baixa e o menino de onze anos de idade, que dormia na calçada de uma estação de trem, localizada no centro do Rio de Janeiro, enrolava-se com papéis de jornais para minimizar a friagem. Naquela manhã, Pixote acordava com medo dos guardas que, em “campanha”, andavam espancando as pessoas que dormiam nas praças e calçadas do Rio. Contudo, o menino já estava adaptado aos perigos que aquela vida oferecia, há três anos Pixote fugira de casa em busca de viver outras experiências nas ruas da cidade. (LOUREIRO, 1884).

Pixote era uma criança que vivia no tempo FEBEM, tempo marcado por intensos conflitos entre aqueles considerados “menores delinqüentes” e as forças policiais.<sup>1</sup> A sua estória aconteceu na década de 1970, período que vigorava a lógica ditatorial da Fundação do Bem-Estar Social do Menor – FUNABEM e suas instâncias estaduais chamadas de Fundação Estadual do Bem-Estar Social do Menor - FEBEM. Tempo do Código de Menores, instrumento legal que servia como mecanismo de vigiar e punir aquelas crianças e adolescentes que desafiavam a lógica da disciplina dos militares, que por sua vez, entendiam os problemas sociais da infância como uma questão de *Segurança Nacional* (PASSETI, 2004).

Debruçar-se sobre o mundo desses meninos e meninas que ocuparam e se apropriaram das ruas nas grandes cidades do Brasil, levam-nos a reflexão de como foram construías as relações sociais a partir de “jogos de escalas”. Assim como nos fala o historiador francês Jacques Ravel, ao produzirmos História a partir da análise desses redução de escalas, temos que entender que “o ‘micro’ engendra o ‘macro’ e defende, portanto um privilégio absoluto do primeiro” (RAVEL, 1998). Nesse sentido, em busca

---

\*Programa Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Discente do Curso de Doutorado em História. Agência Financiadora da Pesquisa: CAPES.

<sup>1</sup> De acordo com os estudos de Elaine Bernal, os comissários de menores surgiram a partir da promulgação do Código de Menores de 1927, no contexto da criação dos juizados de menores. Ver: BERNAL, Elaine. *Arquivos do Abandono*. São Paulo: Cortez, 2004.

da construção da História dessas crianças e adolescentes, faz-se necessário irmos ao encontro dos documentos que nos levem aos indícios de como esses meninos (sobre)viviam as mais diferentes formas de exclusão e violência.

Dessa forma, não podemos deixar de lembrar que cabe ao historiador fazer as perguntas a seus documentos. Para adentrar-se no mundo desses meninos e meninas, optamos por investigar onde se reuniam, onde trabalhavam e brincavam, onde dormiam e se alimentavam, e como foram construídas as relações sociais com as pessoas que conviviam, mesmo indiretamente, com a presença delas nas ruas da cidade.

O medo do menino Pixote, nosso protagonista, também era o medo de outros “pixotes” que, assim como ele, dormiam nas ruas enfrentando o frio da madrugada, pedindo esmolas, praticando pequenos furtos e buscando, das mais diferentes maneiras, construir mecanismos de sobrevivência para enfrentar as mais diferentes formas de controle estabelecidas por setores da sociedade que procuravam controlar o cotidiano desses meninos e meninas.

Pixote era um garoto arteiro que já conhecia o cotidiano da cidade grande. Acordara e não tinha encontrado policiais nos arredores e o grande desafio da manhã era procurar algo para comer. Desse modo, “afundou as mãos nos bolsos” e observou que não tinha dinheiro, logo, para tomar o café da manhã tinha que pedir às pessoas que se encaminhavam para estação do trem. O menino

*Pôs-se a pular por entre os que chegavam em grandes levas, a rodopiar, a rir das caras sérias, dos olhares raivosos. Os sapatos de pano que calçava estavam se rasgando, a calça mostrava-lhe boa parte das canelas muito finas. Estendeu-lhe a Mão amarela e suja, o homem gordo empurrou-o com indiferença, as mulheres que vinham falando alto e rindo esforçaram-se para ignorar sua presença, mas Pixote não desistia, até que a velhota de luto abriu luto abriu a bolsa e tirou uma cédula de pouco valor (LOUREIRO, 1984: 12).*

A contribuição de “uma cédula de pouco valor” não foi suficiente para o garoto se alimentar, mas Pixote agradeceu a senhora com um “sorriso de dentes miúdos”. Caminhou pelas ruas da cidade abordando as pessoas que, com indiferença ou medo, olhava-o de forma indiferente ou amedrontada, não atendendo o seu pedido por “uns trocados” para comprar comida. Mas, o menino já estava acostumado com aquela

condição e procurou enfrentar a dificuldade, abordando os transeuntes até conseguir o dinheiro para tomar o café da manhã.

A indiferença das pessoas frente ao pedido de ajuda de Pixote nos leva a refletir sobre o sentimento daquela sociedade em relação às crianças que viviam nas ruas da cidade. Cada grupo social possui um sentimento diferente por suas crianças, já nos dizia o historiador francês Philippe Áries, em sua obra *História Social da Criança e da Família* (ÁRIES, 1981). Desse modo, podemos afirmar que o sentimento daquelas pessoas em relação ao menino franzino e mal vestido, também traduz as mesmas observavam os problemas sociais que recaem sobre as crianças. A reação de algumas das pessoas que circulavam nas ruas do Rio, naquela manhã, sinaliza que tais relações sociais foram permeadas pelos signos da indiferença e do medo, que por sua vez também representam formas de violência e exclusão social.

Para muitas dessas pessoas, Pixote era mais um “menor” que transitava nas ruas da cidade e ser considerado “menor” naquele tempo era carregar a pecha do ameaçador e do perigoso. Ao longo da história do Brasil, a nossa sociedade construiu o estigma sobre essas crianças e adolescentes que viviam em condições de pobreza, abandono ou em conflito com a Lei. Como nos fala Erving Goffman, sobre o estigmatizado recai o peso do desacreditado ou do desacreditável, do não aceito ou do ignorado (GOFFIMAN, 1988).

Pixote, o garoto franzino, apresentava-se, através de suas ações, como uma criança forte, procurando resistir taticamente, driblando, de forma arteira, os desafios que enfrentava naquele dia ao buscar garantir o seu café da manhã. Frente ao sentimento de indiferença e medo expressa nas reações das pessoas que abordava, o nosso protagonista “soltou em meio dos grupos, cantou modinhas safadas, riu, puxou a saia da colegial, mexeu no tabuleiro que a baiana conduzia” (LOUREIRO, 1984: 13). Esta era a arte da resistência do garoto, a forma pela qual procurou viver o desafio em forma de brincadeira.

Depois do café da manhã, Pixote estava pronto para viver outras aventuras. Daí foi ao encontro de seus amigos: Dito, Fumaça, Cristal e Manguito. Nas ruas, Pixote conheceu seus companheiros de aventura, onde juntos dividiam as mais diferentes experiências, que em larga medida, desafiavam a ordem estabelecida. Saber que iria encontrar seus companheiros fazia Pixote caminhar feliz, afinal o garoto os

consideravam seus amigos. O encontro seria no cemitério da cidade, o menino, agora de “barriga cheia”, em parceria com os demais, possuía o plano de roubar peças de mármore do cemitério para depois revender para um atravessador.

Pixote entrou no ônibus, sentou-se perto da janela e no caminho começou a apreciar a cidade,

*Olhava as ruas repletas de carros, as avenidas, as praças e um certo ar sonolento que a cidade ainda parecia ter. Havia fiapos de névoa nos ramos dos oitizeiros, em torno da igreja, havia flocos algodoados boiando nas águas do lago, onde muitas vezes tomara banho. O motorista é que parecia não se preocupar com estas inutilidades que Pixote descobria. Dera freada brusca no sinal da avenida, em frente ao cinema, entrou com violência na curva, por baixo do viaduto. Aí começou a passar por casarões cercados de árvores, por um quartel de polícia, por oficinas de concertos e uma das escolas, os estudantes nas calçadas, esperando a sineta tocar (Idem:13).*

Enquanto umas crianças esperavam a sineta tocar para adentrarem da escola, o garoto que vivia nas ruas da cidade passava observando pela janela as imagens da cidade e suas contradições. Para Pixote, a cidade não se apresentava de forma “maravilhosa” e as ruas representavam a sua escola, eram nas ruas que ele aprendia viver e enfrentar os obstáculos que a vida lhes oferecia, foi nas ruas que Pixote aprendeu a contemplar a cidade e suas desigualdades sociais. No caminho o que o levava a viver mais uma experiência delituosa, em parceria com seus companheiros, o fez observar a cidade, com seus encantos e desencantos.

Chegando perto do cemitério, Pixote não deixou de “imaginar que os portões e os muros servissem para as almas não fugirem”. Pixote era uma criança, que mesmo sem infância, vivendo nas ruas, no mundo dos adultos, não olhava o mundo como “gente grande”. Desse modo, seus anseios e medos eram típicos daqueles que estavam por descobrir, desbravar, explorar as coisas que aquele mundo lhes oferecia.

Ao se encontrar com os amigos, Pixote logo recebeu as orientações de Dito; o líder do grupo. Fumaça, Cristal e Manguito escutavam com atenção o pano de ação que os conduziam ao roubo no cemitério. Aquele espaço formado por grandes alamedas, com suas árvores frondosas, sepulturas e imponentes jazigos cobertos de azulejos e mármore, assustavam os meninos. Mas, Dito dizia com segurança que eles não

deveriam ter medo, afinal as almas estavam descansando sossegadas e eles não deveriam fazer barulho para incomodá-las.

Depois das recomendações do líder, os meninos pularam o muro alto do cemitério. Caminhavam lentamente escondidos por entre as árvores, arrastavam-se silenciosamente pelo chão. Não podiam ser percebidos por ninguém. O cemitério possuía um esquema de vigilância e caso os meninos fossem descobertos poderiam ser presos.

Mas, Pixote lembrou-se do amigo Estrelado, um garoto que conhecera em um abrigo esteve internado e que foi assassinado por policiais quando esteve envolvido em um assalto, estando naquele cemitério sepultado. Ao lembrar-se do amigo, Pixote desviou as atenções das recomendações de Dito e passou a procurar onde o corpo do amigo estava enterrado. Nesta altura, um dos funcionários percebeu uma movimentação estranha no cemitério e aciona os vigilantes. Armados, os vigilantes perceberam a presença do grupo. Os meninos assustaram colocaram-se a correr, dispersando-se.

Quando parte do grupo estava preparada para pular o muro e sair do cemitério, ouviram o barulho de dois tiros. Ao se aproximarem das alamedas, constataram que aqueles tiros acertaram Pixote. Os meninos observaram que “Pixote cambaleia. Cai e torna a levantar, dá mais algumas passadas como não soubesse em que direção estava se dirigindo, torna a cair”. Dito caminhou em direção a Pixote, que estava com

*Olhos abertos, filetes de sangue a escorrerem do pescoço. A mão amarela se abriu, com flores murchas que ia levando para Estrelado. Manguito e Fumaça já escalaram o muro. Dito ergue-se, lança as pedras sem ao certo o que pretendia atingir. Compreendendo a inutilidade de seu gesto e a impossibilidade de tirar Pixote dali, corre para o muro, solta (Idem: 19).*

Pixote morreu. O menino franzino que transitava pelas ruas agitadas da cidade do Rio de Janeiro, que mesmo vivendo no mundo cercado por gestos de violência e indiferença, mas que, minutos antes da sua morte, pensava em prestar uma homenagem à memória de um amigo que ali estava sepultado. Assim foi narrada a trajetória do último dia de um garoto que vivia no mundo do abandono, mas, que buscava arteiramente sobreviver às mais diferentes formas de exclusão social encontradas no cotidiano.

A estória de Pixote foi construída por José Loureiro, jornalista e literato que viveu na capital fluminense e a partir de sua experiência na cobertura do conflito vivido entre adolescentes e policiais, na cidade mineira de Camanducaia, decidiu escrever a obra *Infância dos Mortos*, publicada em 1977. A obra serviu de inspiração para produção do filme *Pixote: a lei do mais fraco*, de Hector Babenco, ganhador de vários prêmios internacionais e que trouxe a baila o problema das crianças e dos adolescentes que viviam em conflito com a Lei.

A literatura é uma das fontes mais ricas para o historiador da infância adentrar no universo das crianças. Além de inspiradora, a literatura nos leva a perceber questões de ordem social, política, econômica que muitos documentos tradicionais não revelam de uma dada sociedade. O olhar do literato traduz a sua percepção do mundo que vive, seus sentimentos, suas emoções, tornando-se uma fonte documental riquíssima para o historiador descortinar questões da subjetividade humana, muitas vezes encobertas pelo véu do ocultamento.

O romance-reportagem *Infância dos mortos* foi produzida no momento da História do Brasil marcado por vários conflitos relacionado à institucionalização da assistência às crianças e adolescentes consideradas pobres, abandonadas ou que viviam em conflito com a Lei. José Louzeiro, ao buscar produzir uma reportagem sobre a “Operação Camanducaia” para o jornal *Folha de São Paulo*, que ficou conhecida como um dos casos divulgados sobre a atuação da polícia militar do Estado de São Paulo sobre os “menores”, quando 93 meninos foram colocados dentro de um ônibus em direção a cidade mineira de Camanducaia, onde no meio do percurso os garotos foram obrigados a se despirem, sendo, em seguida, lançados para fora do veículo e jogados em um penhasco pelos policiais.

Ao analisar as obras literárias produzidas na década de 1970, no Brasil, o historiador Renato Franco nos fala que, naquele período, a produção do “romance-reportagem” resulta da tentativa dos seus autores denunciarem “a violência e as atrocidades cometidas pelos militares e, dessa maneira, relatar os acontecimentos políticos da década que até então, por força da interdição, só comportavam a versão oficial dos fatos” (FRANCO, 2003: 351-370). Desse modo, estórias podem nos ajudar a construir Histórias, uma vez que muitas delas são representam a relação do seu criador

com o seu microcosmo social, traduzem suas alegrias e tristezas e expressam seu sentimento acerca do mundo que vive.

A matéria produzida por José Loureiro sobre a “Operação Camanducaia” inicialmente possuía oito laudas, depois de passar pelo crivo da censura, o artigo foi reduzido para sessenta e quatro linhas, evidenciando como os militares buscavam controlar a imprensa da época. A partir deste episódio, Loureiro abandonou a profissão de jornalista e passou a se dedicar a escrever romances (FRONTANA, 1999).

A estória de Pixote nasceu da sensibilidade de um autor preocupado em denunciar, através da literatura, os problemas das atrocidades vivenciadas por aquelas crianças e adolescentes que vivenciaram a experiência da tortura física e psicológica. Reunindo depoimentos dos garotos, de seus familiares e até de moradores de Camanducaia, Loureiro coloca em tela a vida de meninos que, em busca da sobrevivência, vivenciam situações limites, experiências de morte em vida, trazendo para a arena de debates o cotidiano desses meninos, seus medos, seus desejos, suas revoltas e esperanças, tornando-se uma obra importante para construirmos uma história dessas crianças e adolescentes.

Ao se voltar para a “Operação Camanducaia”, a historiadora Isabel Frontana nos afirma que tal acontecimento fez parte do conjunto de iniciativas de “limpar” as ruas da cidade da capital paulista, elaborada pela força policial. De acordo com Frontana,

*O episódio da Operação Camanducaia é um exemplo típico e emblemático de como a polícia agia no ‘combate à criminalidade’. A arbitrariedade e a violência praticadas contra aquele grupo de garotos eram justificáveis na medida em que o ‘problema do menor abandonado’ era encarado como uma questão de cunho eminentemente de segurança nacional. Dessa forma, foram utilizados os métodos não-convencionais da polícia no ‘combate ao crime comum’ (FRONTANA, 1999: 174).*

Frontana ainda ressalta que parte dos garotos envolvidos no caso Camanducaia não eram meninos que viviam nas ruas, não possuíam antecedentes criminais. Essas crianças foram detidas por estarem transitando nas ruas da cidade. A “Operação Camanducaia” é estudada pela historiografia como um episódio marcado pela violência e arbitrariedade, mas também como um dos acontecimentos que despertou em alguns

grupos da sociedade brasileira o interesse de se questionar como a questão da infância abandonada era vista pelo Estado. Magistrados, políticos, jornalistas, autoridades ligadas às instituições que trabalhavam com a assistência às crianças e adolescentes, foram chamadas para debaterem a “Operação Camanducaia”, levando-os a pensar outros mecanismos de atendimento aos meninos e meninas que viviam no mundo da pobreza, do abandono ou da criminalidade.

Ao narrar o acontecimento ocorrido em Camanducaia, José Louzeiro não deixou de envolver os amigos de Pixote. Depois da morte do garoto, os seus amigos saíram do Rio de Janeiro em direção a São Paulo, em busca de novas aventuras. O líder do grupo, Dito, estava entre os garotos de Camanducaia, que depois de jogados em um penhasco, nus, saíram correndo em busca de ajuda. Naquela madrugada, a população de Camanducaia, que estava acordada, ficou espantada, ao ser surpreendida com a chegada de dezenas de garotos, pelados, correndo pelas ruas da cidade, em busca de ajuda, assim nos conta Loureiro (LOUREIRO, 1984: 12).

A história dos meninos de Camanducaia traduz como a instituição policial percebia o problema das crianças que viviam nas ruas da cidade. Para os policiais que elaboraram a “Operação” os meninos e meninas que viviam nas ruas daquela grande cidade representavam um “lixo” na paisagem da metrópole que deveria estar limpa. Meninos, que como Pixote, viviam no mundo da exclusão, mas, que buscavam resistir de variados modos. Muitos daqueles meninos empurrados do penhasco conseguiram erguer-se, diferente de Pixote, podiam levantar e correr em busca de continuar sonhando, sobrevivendo e taticamente criando e recriando as mais diferentes formas de artes para viver a cidade.

## **Referências:**

ÁRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BERNAL, Elaine. *Arquivos do Abandono*. São Paulo: Cortez, 2004.

FRANCO, Renato. *Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70*. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória e Literatura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 351-370.

FRONTANA, Isabel. *Crianças e Adolescentes: nas ruas de São Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GOFFIMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LOUREIRO, José. *A infância dos mortos (Pixote)*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

PASSETTI, Edson. *Crianças carentes e políticas públicas*. In: DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

RAVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.